

## ***O grito* de Jorge Andrade: a pesquisa dos roteiros televisivos**

*Sabina Reggiani Anzuategui*<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo descreve o percurso de pesquisa dos roteiros da telenovela *O grito*, escrita pelo dramaturgo Jorge Andrade, produzida e exibida pela TV Globo entre 1975 e 1976. A pesquisa se baseou nos arquivos de texto da família do autor, e nos roteiros digitalizados do Centro de documentação da TV Globo, sendo a base para a tese *O grito de Jorge Andrade: a experiência de um autor na teledramaturgia brasileira dos anos 1970*.

**Palavras-chave:** Telenovela. Teledramaturgia. História da televisão. Jorge Andrade.

**Abstract:** This article describes the research work based on the scripts of the Brazilian telenovela *O grito*, written by Jorge Andrade, in 1975 and 1976, and in the same period produced by TV Globo. The research was based on the text files of the author's family, and the scanned scripts of the Documentation Center (Cedoc) of TV Globo.

**Keywords:** Brazilian telenovela. History of Brazilian television. Jorge Andrade.

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade Cásper Líbero (São Paulo), Doutora em Meios e Processos Audiovisuais (CTR-ECA-USP).

### **A telenovela *O grito*, de Jorge Andrade**

A peça *A moratória*, de Jorge Andrade, é considerada por Gilda de Mello e Souza “a primeira obra prima do teatro moderno brasileiro” (SOUZA, 1980, p. 116). Encenada pela primeira vez em 1955, por Gianni Ratto, a peça teve grande repercussão na época, quando outras obras de teatro e cinema dramatizavam a decadência econômica e social dos herdeiros das fazendas de café em São Paulo. Em sua criação teatral, Jorge Andrade teria a ambição de “rever suas raízes e compreender o processo histórico que determinou a desintegração da realidade que conhecera” (AZEVEDO, 2001, p. 100).

Na segunda metade da década de 1960, durante das mudanças no teatro brasileiro iniciadas com a censura do governo militar, Jorge Andrade teve dificuldades para encenar seus novos textos. Em entrevistas e depoimentos, o autor declarava-se frustrado e falava em abandonar o teatro (AMÂNCIO; PUCCI, 1978). Nesse contexto, a partir da década de 1970, Jorge Andrade começou a trabalhar na televisão. Escreveu duas telenovelas para a TV Globo. A primeira – *Os ossos do barão* (Globo, 1973/74), adaptação da peça homônima, fundida a outra peça do dramaturgo, *A escada* (1961) – foi bem sucedida em repercussão e audiência. Mas a segunda, de argumento original para TV, não teve o mesmo sucesso. Trata-se de *O grito*, produzida pela TV Globo entre 1975 e 1976, para o horário das 22h.

A trama de *O grito* se concentrava no edifício Paraíso, no centro de São Paulo, em frente ao viaduto conhecido como Minhocão. As cenas mostravam a metrópole barulhenta e poluída, em tom crítico e depressivo, como se percebe nos adjetivos usados nos roteiros: “movimento intenso, apressado, agitado”, “barulho ensurdecedor”, “buzinas são tocadas com irritação”, “mulheres pobres e cheias de filhos”, “encurralado”, “cansados, indiferentes”, “sentindo um arrepio de pavor”.

O tom desagradável levou a manifestações agressivas do público, registradas pela imprensa da época. Acusavam-no de insultar São Paulo, mostrando apenas pobreza e sujeira. Numa época em que a imagem televisiva colorida ainda era novidade, a novela feria as expectativas de quem via a TV como uma caixa mágica, que trazia a esperança de uma vida melhor e mais brilhante. A modernidade urbana — carros, supermercados, edifícios — era retratada com tormento e angústia.

Preocupada com as críticas à novela, a TV Globo iniciou uma campanha publicitária com a finalidade de mostrar que o autor era paulista e que seu “grito” não era especificamente contra São Paulo, mas “um grito do mundo” (HALFOUN, 1975). Os anúncios publicados diziam que Jorge Andrade era “descendente de tradicional família paulista” e a novela era “uma obra aberta e humanista” que prosseguia o “trabalho, da Rede Globo, de levantamento da nossa realidade” (QUEM DÁ..., 1975).

Tais reações negativas ocorreram nas primeiras semanas de exibição da novela, em novembro de 1975. Jorge Andrade continuou escrevendo, concluindo os últimos capítulos em fevereiro de 1976. O desfecho da obra foi escrito depois da repercussão negativa — incluindo, assim, as reações do autor à recepção. O último capítulo da novela apresenta várias cenas da morte, do velório e da cremação de um menino doente, concentrando a ação em temas fúnebres. O capítulo pode ser interpretado como metáfora do fim de uma obra que foi “enterrada” pelos diretores da emissora no fim do primeiro mês de exibição, conforme relatam artigos da imprensa da época (TAVOLA, 1976).

Este processo é descrito com mais detalhes na tese de doutorado *O grito de Jorge Andrade: a experiência de um autor na telenovela brasileira dos anos 1970*, orientada por Esther Hamburger, no programa Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP. A pesquisa buscou discutir as tensões do trabalho de Jorge Andrade como autor na indústria televisiva, através da análise vertical da telenovela *O grito*, usando como fonte os arquivos de roteiro da família, da TV Globo, e material de imprensa da época.

Resumidamente, o enredo de *O grito* se concentra no edifício Paraíso, em frente ao elevador Costa e Silva (o Minhocão), onde mora Marta, uma ex-freira, viúva, mãe de um menino excepcional que grita desesperadamente durante a noite. O grito incomoda vários moradores, que convocam uma reunião de condomínio para expulsá-la do prédio.

Aos andares do edifício Paraíso corresponde certa hierarquia: na cobertura fica a família do proprietário original, um “industrial” que fez construir o edifício no terreno herdado pela esposa, de família tradicional paulista. No térreo moram o zelador e as empregadas. Nos andares intermediários há figuras recorrentes na dramaturgia de Jorge Andrade — um intelectual, uma atriz decadente, um velho fazendeiro, homens adultos em conflito com suas mães — além de outras personagens urbanas: secretária, aeromoça, médico, arquiteto. Estão envolvidos em seus problemas particulares, mas têm dois problemas em comum: o grito insuportável do menino, que não deixa ninguém dormir, e um interceptador que foi roubado da companhia telefônica — alguém está ouvindo as conversas dos outros apartamentos. Há também um traficante de drogas, de identidade desconhecida, procurado por um delegado que vigia o prédio obsessivamente, escondido numa casa do outro lado da rua.

A trama de *O grito* se desenvolve lentamente. Os eventos principais acontecem no tempo diegético de uma semana, estendida por 125 capítulos. A maioria das cenas ocorre no edifício Paraíso. A segunda locação mais importante é o posto de observação do delegado Sérgio, numa casa em frente ao edifício. Há poucas externas.

A construção temporal da novela, pouco usual para o formato, foi usada por Jorge Andrade em outras obras, como *Gaivotas* (TV Tupi, 1979). E apareceu anteriormente, como novidade nas

telenovelas, em *O rebu* (TV Globo, 1974-1975), de Braulio Pedroso. Há porém uma grande diferença entre a estratégia de Pedroso e aquela de Jorge Andrade: se o primeiro ostentava sua perícia como dramaturgo, destacada em reportagens da época, o segundo distendia o tempo para aprofundar aspectos morais de sua história. Sem ostentar, e nem mesmo explicar a longa duração dos acontecimentos, o dramaturgo levava ao limite as intenções alegóricas da obra.

### Os roteiros de *O grito*

A tese baseou-se em duas versões dos roteiros de *O grito*: as cópias digitalizadas (um conjunto de 125 capítulos) do Centro de Documentação da Rede Globo (Cedoc) e os originais do acervo da família de Jorge Andrade, que somam 134 capítulos. Buscando entender o trabalho do escritor, estudei principalmente os roteiros de *O grito* — ou seja, o texto da novela —, dando menos atenção aos capítulos gravados. Considerações sobre os vídeos fazem parte da tese como complemento, não sendo o foco central da pesquisa, e a fonte usada nesse caso foram as cópias do primeiro e do último capítulo da novela, que constam no acervo do departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP.

No início da pesquisa, não havia certeza sobre a disponibilidade dos textos. O contato com a TV Globo foi feito através do departamento Globo Universidade. O projeto de pesquisa foi enviado para avaliação, e assim recebi autoriza-

ção para consultar os textos no Cedoc do Rio de Janeiro.

As cópias dos roteiros arquivadas na TV Globo foram digitalizadas a partir do microfilme, realizado em 1976, logo após a exibição da novela. A prática da emissora, na década de 1970, era redatilografar os capítulos enviados pelos autores.<sup>2</sup> O datilógrafo da empresa assinava suas iniciais ao final de cada roteiro, anotando também, frequentemente, a data da cópia.

Nesse material percebe-se o processo de revisão dos roteiros, que levou à redução de nove capítulos do original. Há correções manuscritas em várias páginas, com nova numeração dos capítulos. Em geral, as revisões fazem exclusão, inclusão ou mudança de ordem das cenas originais. São raras as alterações de detalhe, no corpo das cenas. Na nova numeração, alguns capítulos foram integralmente redatilografados, e não há rasuras. Outros contêm páginas reaproveitadas da primeira cópia, mostrando uma nova numeração (às vezes manual, às vezes datilografada) com a indicação “(novo)” sobre a numeração original (às vezes riscada, às vezes apagada).

O Cedoc da TV Globo autoriza anotações manuscritas, mas não é possível imprimir ou copiar os arquivos digitalizados. Consegui apenas algumas folhas avulsas, com a autorização da responsável, Laura Martins. Depois da primeira

<sup>2</sup> Informação fornecida pelo pesquisador Carlos da Silva Pinto, que participou de oficina de dramaturgia oferecida pela TV Globo, no segundo semestre de 2010.

consulta no Rio de Janeiro, uma cópia do material foi enviada para a sede da emissora em São Paulo. A consulta agendada era permitida nos fins de semana.

A versão dos roteiros consultada no acervo da família tem 134 capítulos, que variam de 15 a 25 páginas cada. Estão bem organizados em sete pastas de arquivo.<sup>3</sup>

Nas primeiras consultas aos roteiros, tanto nos arquivos da família quanto no Cedoc, meu objetivo era reduzir o volume de páginas, para ter em mãos um conteúdo que pudesse ser lido várias vezes, em observação mais cuidadosa, para análise dos recursos temáticos e estilísticos do autor.

Assim, foi feita uma leitura inicial completa da obra, do primeiro ao último capítulo, nos originais da família (de mais fácil acesso). Nessa leitura, os principais movimentos da trama foram anotados, levando em conta questões recorrentes da obra de Jorge Andrade e as convenções do gênero. Também selecionei cenas e passagens de destaque conforme marcaram minha própria percepção. A partir dessas anotações, escolhi 20 capítulos para fotocópia integral, além de algumas cenas avulsas.

Em seguida, comparei os capítulos fotocopiados com a versão digital da TV Globo. Anotei em cada cena sua nova numeração e, eventualmente, outras modificações. Esse conjunto menor, de 20

capítulos, foi lido com atenção diversas vezes, durante a preparação e escrita da tese.

Ao longo da tese, as citações dos roteiros foram baseadas no acervo da família, pois este é o material que pude fotocopiar. As referências indicam o número do capítulo e da página desta fonte. Quando foi importante para a argumentação, indiquei também as informações comparativas da cópia consultada no acervo da TV Globo.

### **As fases da escrita**

Entre as dificuldades iniciais para o desenvolvimento da tese, estava a organização de uma sinopse da novela. Em estudos sobre telenovela, a análise deve ser mais descritiva, pois o original é de difícil acesso. Eventuais interessados provavelmente não têm informações básicas, que o texto precisa fornecer. É provável que exista, no acervo do Cedoc, a sinopse inicial da obra, que não pude consultar por questões de prazos e compromissos.<sup>4</sup> De todo modo, nas telenovelas brasileiras, as sinopses originais descrevem apenas o ponto de partida de personagens e enredo. Os capítulos são escritos ao longo do período de produção e exibição. Sendo assim, uma sinopse da obra completa só pode ser determinada ao fim da telenovela. A sinopse baseada no conjunto dos roteiros, composta para os fins da tese, tem oito páginas, resumindo os principais acontecimentos dos 134 capítulos da trama.

<sup>3</sup> Atualmente, o acervo está sendo digitalizado pelo Instituto Itaú Cultural.

<sup>4</sup> A pesquisadora Catarina Sant'Anna informa que não encontrou tal material no acervo familiar de Jorge Andrade.

Tal sinopse é apresentada como base de informações, na tese, antes da análise crítica da obra. Mas havia uma questão de método a ser resolvida, pois a tese pretendia relacionar aspectos dramáticos dos roteiros a algumas questões de recepção da obra. O problema é que a recepção se refere aos capítulos exibidos (ao vídeo), enquanto minha fonte disponível eram os roteiros (o texto). Pela limitação de prazos e tempo disponível, a solução adotada foi a descrição dos problemas, ou seja, dos limites dessa análise, comparando a diferença entre os dois acervos de texto, e algumas questões de encenação registradas em depoimentos de profissionais envolvidos com a novela. Nesse cotejamento, foi possível perceber aspectos da relação de trabalho do autor com a emissora.

Os roteiros originais (consultados no acervo da família) não são datados, com exceção do último capítulo, em que consta a data de 25 de fevereiro de 1976. Já os roteiros digitalizados, do acervo do Cedoc, mostram várias datas, indicando o processo de revisão e gravação. Por essas marcas, percebe-se que os roteiros dos primeiros capítulos ficaram prontos em junho de 1975. A novela estreou no final de outubro deste ano e, segundo reportagem da época, Jorge Andrade “escreveu quarenta capítulos antes de começarem as gravações” (SILVEIRA, 1975a).

Nos primeiros setenta capítulos revisados (arquivo Cedoc), há muitas alterações, cortando cenas e adiantando a trama. Por volta do capítulo 40 original,

por exemplo, reduziram-se cerca de oito capítulos (as principais cenas do capítulo 43 se adiantaram para o capítulo 35 revisado). Os cortes se intensificam e, no capítulo 100 original, há um adiantamento médio de 15 capítulos (o capítulo 113 original é igual ao capítulo 99 revisado). A partir de então, há um alongamento dos capítulos, e cenas que haviam sido cortadas voltam a ser inseridas.

É provável que tenha havido alguma hesitação na produção de *Saramandaia*, o próximo texto das 22h, causando um esticamento de *O grito* nas últimas semanas. Helena Silveira havia relatado, em 13 de dezembro de 1975, que as gravações da novela se encerrariam em fins de janeiro (SILVEIRA, 1975b). Mas ocorreu o contrário: em meados de janeiro, ela relata que “*O grito* estava sendo programado para 120 capítulos. Agora, parece que Jorge Andrade deve encurtá-la para 135” (SILVEIRA, 1976a).<sup>5</sup> De fato, a novela esteve em exibição por 27 semanas, somando 135 capítulos. Há alguma informação perdida sobre esse prolongamento, pois os capítulos no arquivo da TV Globo mantêm a numeração até 125. Mas esse material tem algumas falhas e anotações manuscritas, então é possível que compilação dos roteiros tenha se realizado como possível, quando houve o arquivamento em microfilme, mantendo certa confusão que é habitual

<sup>5</sup> Silveira justifica o esticamento mencionando o receio da emissora, que esperava o parecer da censura a *Saramandaia*, pois a novela anterior de Dias Gomes, *Roque santeiro*, foi censurada em 1975.

em produções que sofrem muitos cortes e revisões. Em fevereiro de 1976 algumas cenas ainda estavam sendo gravadas, como relata Silveira: “Valmor Chagas sofreu um acidente de moto [...] e, pelo visto, deverá gravar os últimos capítulos de *O grito com a perna enfaixada*” (SILVEIRA, 1976b). Note-se que fevereiro é justamente a data anotada no último capítulo do original de Jorge Andrade.

Minha hipótese é que os primeiros capítulos, escritos com antecedência, foram também gravados com antecedência. Mas, com a repercussão negativa no início da exibição (27/10/75), muitos capítulos foram reeditados. A partir daí os roteiros foram remontados, levando em conta esse novo planejamento, para assim direcionar os trabalhos de reedição das cenas prontas e novas gravações. Isso explicaria a aparente contradição entre algumas anotações. Por exemplo, no capítulo 35 do Cedoc está escrito “Rodado e montado — 6/12/75”, enquanto no capítulo 50 anotou-se “Rodado — 8/11/75”. Provavelmente a data do capítulo 35 (início de dezembro) foi a de edição, enquanto a do capítulo 50 (início de novembro) é a de gravação. As duas fases distintas — gravação e edição — ficam claras no roteiro revisado do capítulo 59, em que uma anotação na capa diz: “Rodado — 26/11/75”, enquanto ao fim anotou-se “5/1/76”. As cenas tinham sido gravadas e, um mês e meio depois da gravação, o capítulo que era originalmente 72 foi editado como número 59. Note-se que o mês de novembro é o mais tenso na exibição da novela, que estreou

em 27 de outubro. Essa repercussão negativa deve ter motivado a reorganização dos roteiros e reedição dos capítulos, que depois se estabilizaram e já não mostram tantas correções.

Há outros indícios temporais, relacionados a acontecimentos registrados na imprensa. No capítulo 35 original, há uma cena avulsa inserida com a seguinte anotação: “Página 19, regravar a cena 10”. Segue a nova versão da cena 10, em que o personagem Gilberto (arquiteto) comenta a implosão do Edifício Mendes Caldeira, demolido para construção da estação Sé do metrô de São Paulo. O evento teve ampla cobertura televisiva num domingo, 16 de novembro de 1975, e foi capa da *Folha de São Paulo* no dia seguinte (A EMOÇÃO DO..., 1975, p. 12). Tal cena foi escrita com a novela já em exibição (o capítulo 35 seria exibido dia 12 de dezembro).

Em 29 de novembro do mesmo ano, faleceu o escritor Érico Veríssimo. Há uma cena avulsa escrita sobre essa morte, encaixada no capítulo 115 original.

Nesses dois casos, não consegui encontrar as novas cenas na versão revisada dos roteiros. Existe a chance de minha procura ter sido insuficiente, pois a consulta na sede paulista da TV Globo não fornecia recurso de busca de palavra, e a leitura acelerada de centenas de páginas pode ter levado a enganos. Mas também é possível que as novas cenas propostas de Jorge Andrade tenham sido desconsideradas pela TV Globo.

Mas outro caso foi incluído. Em 27 de novembro, a *Folha de São Paulo*

publicou uma entrevista com Jorge Andrade, em que ele relata o telefonema de uma telespectadora: “O senhor diz que nós não temos praças. Por que é que o senhor não mostra uma praça tão bonita como a praça Buenos Aires?” (PENTE-ADO, 1975, p. 52).<sup>6</sup> Pois bem: em cena do capítulo 58 original (46 revisado) há uma breve fala em que o síndico Otávio promete um passeio a sua cachorra de estimação, justamente na praça Buenos Aires: “É uma beleza! Pelo menos era! Lembra minha infância!” (ANDRADE, 1976b, cap. 58, p. 15). Na versão do Cêdoc, o capítulo 46 tem a data 19/12/75, mostrando que houve tempo para a inserção do diálogo, aproveitando o tema sugerido pela telespectadora.

Essas diferenças entre as duas versões dos roteiros destacam a atitude da emissora, preocupada em acelerar a trama, e a postura de Jorge Andrade, atento aos acontecimentos à sua volta, inseridos no roteiro em desenvolvimento.

### **Indícios de interpretação**

Várias possibilidades foram consideradas para a análise dos roteiros. Meu desejo era encontrar um recorte que mostrasse o estranhamento que essa novela causou no público da época, e ainda causa nos pesquisadores que conseguem ter acesso ao texto.

Dois aspectos me pareceram mais importantes, e relacionados entre si: o

<sup>6</sup> Na entrevista, Jorge afirma ter respondido: “Mas minha senhora, uma praça para onze milhões de habitantes?”

ritmo narrativo dos capítulos, e a grande ocorrência de diálogos envolvendo questões morais. Do ponto de vista da encenação, o texto de *O grito* é diferente da média de outras telenovelas. Em geral, os capítulos de Jorge Andrade não usam o recurso constante de pequenos gestos demonstrando emoções explicitadas pelas falas, conforme a convenção naturalista, que pressupõe um “comportamento característico” para determinadas situações (WILLIAMS, 2010, p. 137). Em *O grito*, há hiatos que demandam mais esforço de compreensão. O estilo mais sóbrio está em sintonia com um grande número de cenas dedicadas a discussões abstratas e morais. Tais cenas são concentradas principalmente na personagem Marta, mas também se espalham entre os outros. *O grito* é um texto extenso, redundante em muitas passagens. Tais características devem-se ao meio para o qual foi escrito (a exibição de cinco capítulos semanais ao longo de seis meses). Esses dois aspectos, somados, devem ter contribuído para o afastamento do público, além das questões específicas sobre a cidade de São Paulo.

Do ponto de vista de repercussão e audiência, *O grito* era um projeto difícil, e sofreu a consequência de escolhas artísticas arriscadas. O ato de escrevê-lo, arriscando-se ao fracasso — como fez outras vezes —, é uma virtude essencial de Jorge Andrade, um tanto suicida do ponto de vista profissional. Como menciona em suas obras, o autor se expunha ao sacrifício porque acreditava em sua missão de escritor. Ele queria encontrar

a verdade, mas a descobria apenas negativamente, percebendo os erros de seu percurso.

Em *O grito*, essa árdua e persistente trajetória artística é retratada como uma paixão cristã, incorporando imagens e motivos religiosos. Esse é um aspecto de estranhamento, num ambiente cultural fortemente influenciado pelo pensamento político de esquerda. No desfecho de sua novela, Jorge Andrade encaminha seus personagens para uma celebração fúnebre marcada por passagens bíblicas sobre a ressurreição de Lázaro. Na interpretação que apresento na tese, tais cenas traduzem a resposta do autor às reações negativas que a novela recebeu no início de sua exibição.

*O grito* usa o mito do sacrifício, colocando no centro do processo uma mulher religiosa. São duas figuras sociais que a novela retrata com marcas positivas: a religiosa e o delegado honesto, que investiga uma quadrilha de traficantes. A escolha dos protagonistas é surpreendente, num período de regime político autoritário e conservador. Na análise crítica do texto, busquei demonstrar o significado interno dessas personagens, em relação ao conjunto da obra de Jorge Andrade. Nessa interpretação, o sacrifício religioso e o elogio ao trabalhador honesto seriam um retrato da visão do autor em relação à Arte (o trabalho árduo que leva à redenção).

## Referências bibliográficas

A EMOÇÃO DO verdadeiro espetáculo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 17 nov. 1975, p. 12.

AMÂNCIO, Moacir; PUCCI, Claudio. O Labirinto Jorge e os Outros. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16 jun. 1978.

ANDRADE, Jorge. *O grito*. Roteiro microfilmado. Acervo Centro de documentação da TV Globo, Rio de Janeiro, 1976a.

ANDRADE, Jorge. *O grito*. Roteiro original. Acervo Camila Franco, São Paulo, 1976b.

ANDRADE, Jorge. *O grito*. *Amiga TV*. Rio de Janeiro, 15 mai. 1976c.

AZEVEDO, Elizabeth. *Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade*. 2001. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DUTRA, M. H. Um grito absurdo. *Veja*. São Paulo. 12 nov. 1975.

ECHEVERRIA, Regina. Nesta novela, nenhuma concessão ao sonho. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 21 nov. 1975.

HALFOUN, Eli. Jorge Andrade: "O grito não é de São Paulo". *Última Hora*. Rio de Janeiro, 22 nov. 1975, caderno Revista, p. 2.

- PENTEADO, Regina. Jorge Andrade, seu grito e consequências. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27 nov. 1975, p. 52.
- QUEM DÁ o grito. Anúncio publicitário. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 21 nov. 1975.
- SANT'ANNA, Catarina. A telenovela "Os ossos do barão". *Comunicação & educação*, São Paulo, ano III, n. 9, mai-ago 1997, p. 63-74.
- SANT'ANNA, Catarina. *Metalinguagem e teatro: a obra de Jorge Andrade*. Curitiba: EdUFMT, 1997.
- SILVEIRA, Helena. A amada tem mil faces odiosamente amada. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 22 nov. 1975a.
- SILVEIRA, Helena. Acontecendo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 13 dez. 1975b.
- SILVEIRA, Helena. Acontecendo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 17 jan. 1976a.
- SILVEIRA, Helena. Assim é a vida, assim é o vídeo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 14 fev. 1976b.
- SOUZA, Gilda de Mello. Teatro ao sul. In: *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980, p. 109-116.
- TAVOLA, Artur. O grito, uma novela polêmica. *Amiga TV*. Rio de Janeiro, 28 abr. 1976 (Banco de dados TV-Pesquisa, PUC-Rio. Documento 1730).
- WILLIAMS, Raymond. *Drama em cena*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- XAVIER, Nilson. *Almanaque da telenovela brasileira*. São Paulo: Panda Books, 2007.